

QUARUP - IDEIA DE MORTE E RENASCIMENTO: UM ROMANCE PORTADOR DE UTOPIAS

QUARUP - DEATH AND REBIRTH IDEA: AN UTOPIA BORNE NOVEL

Fátima Leonor SOPRAN²¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a utopia inscrita na obra *Quarup*, de Antônio Callado. A construção sequencial do texto em capítulos segue, de certa forma, a ótica da personagem principal, alvitra, alegoricamente, a sequência nas estórias, tanto individual como coletiva; e a certeza de que cada uma dessas estórias se constitui de um conteúdo utópico ou da esperança de um mundo melhor. Aportamo-nos em estudos de Adorno e Horkheimer (1985), Bloch (2005), Reis (2004), Vieira (2004), entre outros que dão sustentação teórica para o conceito de utopia. A proposta investigativa nos conduziu à ideia de que a utopia está presente em todos os corações destas personagens da ficção. Confirma a ideia de que o romance *Quarup* é uma ficção portadora de utopias no qual seus personagens idealizam um mundo melhor tanto para o presente quanto para o futuro.

PALAVRAS CHAVE: *Quarup*, morte-renascimento, utopias

ABSTRACT: This article aims to analyze the utopia inscribed in the work *Quarup*, by Antonio Callado. The sequential building of the text into chapters follows, in a way, the perspective of the main character; propose the stories setting in sequence allegorically, both individual and collective; and the assurance that each of those stories is a utopian content or the hope for a better world. We have apportioned ourselves in studies about Adorno and Horkheimer (1985), Bloch (2005), Reis (2004), Vieira (2004), among others, which give theoretical support to the concept of utopia. The investigative proposal has led us to the idea that utopia is present in all the hearts of the characters on that fiction. It confirms the idea that the novel *Quarup* is a bearer of fiction utopias in which their characters idealize a better world for the both the present and the future.

KEYWORDS: *Quarup*, death-rebirth, utopias.

²¹ Mestre em Literatura e Crítica Literária, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP; Doutoranda em Estudos Literários na Universidade "De Trás-os-Montes e Alto Douro" em Vila Real – Portugal; Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus IX Barreira

INTRODUÇÃO

“Nos sonhos das utopias estão não apenas o paraíso, mas também as catástrofes”.

Adorno (2002)

Quarup foi publicado em 1967. Irrompe a partir de questões político-religiosas assinaladas por seus terrores e pela constante luta de universitários que pretendiam concretizar a igualdade de direitos para todos. O intuito era assegurar a proteção aos indígenas e condicionar a mudança de visão da igreja em relação à questão social. Este período, de 1954 a 1964 foi assinalado no Brasil pelo golpe militar e, de certa forma, configurou um novo momento. A narrativa gira em torno do Pe. Fernando, de codinome Nando, protagonista do romance.

Em *Quarup*, o desejo utópico se manifesta em vários corações, tendo em vista que o momento histórico no Brasil estava permeado de conflitos, de um lado a luta armada, corrupção, ideal de mudança do pensamento religioso e, de outro, a esperança de um mundo melhor, uma sociedade utópica. Percebemos nesse contexto a crise identificada por Reis (2004) em relação à ideia de Torga sobre Perestróica. Miguel Torga mostra que a revolução não resolveu o problema da humanidade – desmistifica a ideia de uma sociedade perfeita estruturada pelos adeptos do comunismo, mesmo assim tem a expectativa “do retorno ao cartesiano uso da razão, tomando-a quer como a mais adequada medida de bom senso na condução da prática política; quer como último recurso humano no lançamento de uma era, à escala planetária, de boa convivência social.” (REIS, 2004, p.18) Um momento de crise, porém, conduzida pelo uso da razão teria uma possibilidade de mudanças.

“*Quarup*” é o desejo de viver em coletividade. O título do livro utiliza de um ritual indígena: uma festa em homenagem aos mortos mais notáveis em que, após a cerimônia, acontece uma espécie de renascimento. Esse ritual “é, em sua essência, uma forma análoga de superar a morte pela vida em comunidade”, (ZARUR, 1975, p. 14) envolvendo um encontro harmônico de todas as tribos. O romance marca um momento de crise, de luta contra a ditadura, de conflito religioso, e o desejo utópico de mudanças na sociedade, principalmente, pelo protagonista Pe. Fernando que deseja construir na reserva do Xingu um paraíso, não só de ideias, mas de ações.

2. QUARUP: DESEJO INDIVIDUAL E COLETIVO

Quarup, por meio do Pe. Fernando representa um momento histórico de luta, de posicionamento, de liberdade e, cujas ações da personagem desperta do individual para o coletivo. Apesar da luta interior consigo mesma, transcende a história de seu tempo e consegue se posicionar em prol do coletivo.

Segundo Ferreira Gullar, “pode-se discutir que o único caminho de reintegração do intelectual brasileiro é o seguido finalmente pelo Pe. Nando e, a melhor maneira de lutar contra a opressão é essa a que ele adere.” (GULLAR, 1967 apud Martinelli 2007, p.256).

Para Gullar (1967), esse livro não tinha apenas como intenção mostrar o momento político, mas sim, rememorar o projeto “antropofágico” na história da literatura brasileira. A obra apontava para a luta dos intelectuais da época e a sua ligação com o povo. Ainda, segundo o poeta, *Quarup* é um “romance realista porque a ação dos personagens se desenvolve em função de fatos concretos. Não se trata, porém, de um realismo que apenas constate a vida como ela é, mas que (...) indaga da vida como ela deve ser.” (GULLAR, 1967, p. 258).

O primeiro capítulo descreve “O Ossuário”, local destinado aos mortos, um espaço heterotópico, onde Pe. Fernando conhece Francisca, (artista plástica francesa) restauradora dos azulejos do mosteiro, pela qual cultivava grande paixão. A moça é noiva de Levindo, um revolucionário que morre no início da narrativa, mas, continua seguindo os passos do padre por ter sido um exemplo de virtude. O narrador heterodiegético apresenta nesse capítulo o encontro de Pe. Nando com um casal de ingleses, Leslie e Winifred, ele um jornalista descendente de polonês que veio com a intenção de escrever um livro sobre o Brasil e, ela, uma mulher desprezada e liberal. O padre sugere-lhes conhecer o Xingu e as Missões jesuíticas:

Eu considero a ida a centro do Brasil, onde vivem os índios em estado selvagem [...] e às ruínas dos Sete Povos, elas são os restos de uma experiência maior do que qualquer das utopias abstratas já escritas. Ali os jesuítas tentaram recomeçar o mundo com os índios guaranis. (CALLADO, 1984, p.19).

Pe. Fernando quer que os visitantes conheçam esses lugares, principalmente, aquele que o deixa tão inquieto, a reserva do Xingu. O padre sentia-se também submisso às ordens de seu superior, o arcebispo D. Anselmo, encontrava-se perdido e ao mesmo tempo desejava seguir sua missão na Amazônia. Nando lutava com sua consciência, ressentia-se ter sido expulso do paraíso religioso desejando que se realizasse a viagem utópica ao Xingu. De qualquer forma, seu propósito era catequizar os índios, mesmo imaginando os obstáculos que enfrentaria ao se encontrar com um povo puro e sem malícia.

Percorrendo ainda o primeiro capítulo, o narrador apresenta todos os padres do mosteiro; Fernando coloca-se como representante dos sonhos coletivos. D. Anselmo severo e intransigente, André é retratado como um lunático, Hosana, como um homem sensual e rebelde. Todos eles sentem inquietações de ordem diferente, gerando rupturas, certa distopia. Há “deslocamentos” nas identidades

individuais e coletivas, situações transformadoras em que verifica uma degradação de comportamentos.

Hall, acerca da ideia de deslocamento associada à transformação social, afirma que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido” de “si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (2000, p.71).

As personagens religiosas demonstram essa “perda de sentido”, descrito por Hall (2000) como “deslocamento.” Os conflitos entre devoção e prazeres carnis desestruturam os sacerdotes, dão a entender que *Quarup* traz à tona uma situação que reflete uma ideologia religiosa Barroca, obedecer aos preceitos da religião, ser salvo e encontrar o paraíso ou seguir o caminho do “mal.” Nando tem um lugar especial por ser uma espécie de herói da narrativa, e por perseverar a ideia de criar, na Amazônia, um novo paraíso, uma comunidade utópica como as Missões jesuíticas no passado. Esta atitude do ponto de vista da interpretação da narrativa pode remeter para o Gênesis. A questão religiosa e a questão política são muito dominantes neste romance e, nesse sentido, compreende-se que as principais personagens representam ideais político-religiosos. Segundo Pellegrino.

O personagem Nando representaria um país que após a Segunda Guerra conheceu o processo de aceleração de seu desenvolvimento industrial, intensificação do imperialismo e a luta contra ele. Vivenciou o fortalecimento da burguesia e a tomada de consciência das massas nas cidades e, no campo, presenciou as crises políticas, o fortalecimento social e as esperanças na revolução brasileira. (PELEGRINO, 1998, p.20).

Portanto, o herói Pe. Fernando representa o avesso dos heróis derrotados dos romances nacionais dos anos anteriores a *Quarup*, uma vez que esses heróis não podiam encontrar uma saída para o país, e conseqüentemente, orientar o seu comportamento por um projeto utópico de transformação social. Mas Pe. Fernando é um otimista e traz consigo a utopia de que a esperança é um sentimento nato do ser humano. Reis corrobora esse pensamento quando diz que “utopia surge como sendo indissociável do espírito humano e da sua essencial natureza volitiva.” (REIS, 1997, p. 25). O autor ainda afirma que dois vetores principais da matriz judaico-cristã da cultura ocidental são marcados pelo espírito da utopia. O segundo vetor é:

(...) relativo à profecia do milênio, com a sua inerente promessa-esperança de um final feliz, divinamente redimido ou materialmente concluído, para a história humana, final este inaugurado pelo empenho triunfante de uma entidade messiânica: (i) de um herói divinamente inspirado (a cabeça do quinto império); (ii) de um conjunto carismático de indivíduos (a vanguarda dos santos); (iii) de uma classe social providencial e.g. o proletariado de Marx); (iv) de uma nação eleita. (REIS, 2004, p. 27).

Essa concepção de Reis nos leva ao ideal de nosso herói, Pe. Fernando, que convive com o desejo e a esperança de um mundo melhor. Nada está perdido, a história caminha para a esperança, como Pe. Nando caminha com o objetivo de transformação. *Quarup*, na concepção de Pellegrino “é uma revolução profundamente cristã, uma luta da fraternidade dos pobres contra o egoísmo dos ricos”. (1998, p. 22).

Logo, sob essa perspectiva, o protagonista tem a possibilidade de colher bons frutos. Pois como diz Jacoby:

A crença de que o futuro pode superar fundamentalmente o presente. Refiro-me à ideia de que a textura vindoura da vida, do trabalho e mesmo do amor pode assemelhar-se muito pouco à que hoje nos é familiar. Tenho em mente a noção de que a história contém possibilidades de liberdade e prazer ainda inexplorado. (2001, p.12).

O pensamento de Jacoby tenta mostrar, que o processo do devir e do inexplorado são propulsores de esperanças, de realizações possíveis de se concretizarem. Isso vem confirmar o que afirma Bloch de que “o que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários” (2005, p. 18). A legítima vontade utópica “é o ânimo” que impulsiona o ser humano na construção do processo a realizar. E é essa vontade utópica que Pe. Fernando cultiva e tem o intuito de tornar concreta, de colocar em prática. Levitas corrobora essa ideia, a de que “a essência da utopia parece ser o desejo – o desejo por uma forma diferente e melhor de ser.” (1990, p. 181). Essas concepções a respeito do desejo utópico se estendem até o desfecho de *Quarup*.

O segundo capítulo, intitulado “Éter”, representa Fernando assumindo novas posições. O padre torna-se um ser de rupturas que perverte o ciclo estabelecido pela religião. Desloca-se ao Rio de Janeiro onde entra em contato com integrantes do Serviço de Proteção ao Índio - SIP. Ali conhece o diretor, Ramiro Castanho e, também, Fontoura, sertanista e chefe do SIP no posto Capitão de Vasconcelos. Outras personagens são Luiz Souto, jornalista (popular Faula); Vanda, sobrinha do diretor e secretária; Sonia também secretaria; Otávio Cismeiros, comunista; Lídia, médica e companheira de Otávio. Todas estas personagens, de uma maneira ou de outra, vão influenciar Pe. Fernando em sua trajetória utópica.

No Rio de Janeiro, o padre alarga suas experiências sexuais e seus conceitos morais se dissipam, reformando-se à proporção que os acontecimentos decorrem de ações, que determinam o rumo daquilo que não está previsto. Nando conhece o mundo das drogas e finalmente, está preparado para partir. É um momento de quebra, está preparando-se para chegar ao lugar utópico ou para fundar e viver esse utopismo. O medo de não resistir ao encontro com as índias dissipa-se. Este medo alude ao episódio “das Sereias da Odisseia”, de Homero, interpretado por Adorno e Horkheimer (1985).

De acordo com a leitura feita por aqueles autores, Ulisses pede a seus amigos que remem sem parar e, tapa os ouvidos de ambos para que não ouçam o canto que irá seduzi-los. Este mesmo poder de sedução Nando imaginava que sofreria quando encontrasse as índias.

Winifred é quem orienta o herói por meio da iniciação sexual a perder o medo de ser seduzido pelas indígenas. Nando acaba por se conhecer, entendendo que quando o ser humano deixa de alentar preconceitos, as adversidades são superadas. Para Adorno e Horkheimer, “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores”. (1985, p. 19).

Entende-se, de fato, que se estabelece uma ligação entre o comportamento da personagem Fernando e seus novos amigos que o despertam para se libertar do medo e de princípios morais e religiosos que não possibilitavam a sua adesão a um projeto revolucionário e utópico. Afirma-se, dessa forma, o “esclarecimento”, “processo pelo qual ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.8). Procura-se avaliar a dissolução dos valores morais e culturais de Pe. Fernando reflexo da instabilidade da sociedade moderna. Podemos conceber esse momento como de crise, “distópico”.

“A Maçã” é o capítulo no qual o personagem Nando está preparado para assumir uma nova vida no Xingu. Tudo o que já vivera e aprendera até então lhe serviria para enfrentar um novo mundo. Percebe-se alusão ao fato bíblico de que a maçã é o fruto do pecado, que o Pe. saboreou. A própria personagem Sônia também provou desse fruto na noite anterior à preparação da festa de “kuarup”²².

Este mesmo processo de jejum tinha lugar no período da semana santa, tal como era determinado pela doutrina da igreja católica do século passado. Era um

²² Nome dado ao ritual indígena. No momento que antecede a cerimônia, deve haver resguardo. A lenda diz que “Mavutsinin”, o Deus dos indígenas, havia vetado o ato sexual durante o ritual. Um índio desobedeceu e, a partir desse dia, a lenda da transformação dos troncos em gente cessou. Os mortos não ressuscitaram. Rios, Rosa (2007):Mvutsinim e o Kuarup.São Paulo:SM.

momento de abstinência. Tudo aconteceu na noite anterior ao “Kuarup”, coincidente com o suicídio de presidente Getúlio Vargas.

Esses episódios levam a rupturas, os sonhos extinguem-se, dando lugar a uma “distopia”, a um reencontro da consciência de cada personagem consigo mesmo, excetuando a do presidente que não teve tempo de inaugurar o parque do Xingu. Um momento de crise pode reforçar o sentimento utópico. Pode-se considerar como uma nova roupagem da utopia certa distopia que, como referimos, vem reforçar a utopia.

Em “A Maçã”, o narrador apresenta uma passagem que demonstra não ser procedente, a preocupação que o Pe. nutria em relação à nudez das indígenas. Quando chega ao Xingu observa:

Daquelas pobres mulheres tivera medo fundo. Já lhe haviam dito e ele lera em tantos relatos, como é raro uma índia verdadeiramente bela depois da adolescência. Principalmente agora, apaziguado na carne e no espírito, podia olhá-las todas como homem de Deus e do espírito. (CALLADO, 1984, p.155-156).

O romance conserva traços da narrativa épica - o herói, o tema, e o número de personagens são elementos marcantes. Entre estas se destaca Fernando-Levindo (padre e revolucionário) que procura ligar-se aos acontecimentos do país. Martinelli já dizia que

O romance de Antônio Callado tem grandes momentos, ganha intensidade, chega ao nível épico. As cenas de prisão, da tortura, como as cenas da deposição de Araes, são das mais belas que a nossa ficção conhece e certamente o que, em termos de ficção ficará como fixação de um episódio marcante em nosso desenvolvimento político. (MARTINELLI, 2007, p. 226).

Percebe-se “*Quarup*” como uma ruptura com o plano da história, o padre representaria o novo contexto vivido pelos intelectuais da época. “Sem que sejam

transgredidas as barreiras da verossimilhança, Nando é alegoricamente uma proposta de brasileiro”. (Bastos 2000: 23).

“A Orquídea” é o capítulo do romance em que se narra a segunda expedição ao centro geográfico do Brasil. “O sol ainda não tinha saído, os horizontes estavam encolhidos em restos de bruma.” [...] “As canoas buscavam o Culene que buscava o Xingu que buscava o Amazonas”. (CALLADO, 1984, p.290).

Nessa trajetória são encontradas tribos indígenas em processo de dispersão. Os males do homem branco são transmitidos aos índios, o que os leva a sentirem-se de certa forma culpados pela situação deprimente em que se encontram os “selvagens”.

O narrador mostra membros da expedição em busca de Sônia, que desaparecera com um indígena. Esse é um dos objetivos da expedição, principalmente de Ramiro, o diretor do SIP, o qual nutre grande paixão por ela. Outro objetivo é o de Francisca levar a terra do centro do país que prometeu a Levindo para Pernambuco. O sertanista Fontoura também tem uma meta, a de conhecer o centro do Brasil.

Quando chegaram ao pé do padrão Fontoura pôs os joelhos no chão e leu: - Centro Geográfico do Brasil, latitude dez graus e vinte minutos sul, longitude cinqüenta e três graus e doze minutos oeste de Greenwich. Fontoura cai com a cara no chão, as mãos para frente, o ouvido colado à terra enquanto inquietos bandos de formigas lhe cobriam os dedos e o pescoço. (CALLADO, 1984, p. 377).

Francisca não consegue levantar Fontoura, então resolve pôr o seu ouvido na terra permeada de formigas, “sentiu viva e feroz a terra de Levindo”. (CALLADO, 1984, p. 377). O Brasil está aniquilado pelas formigas. As formigas representam a ideologia de Fontoura e a dissipação dos propósitos representados por Ramiro.

Fontoura, o sertanista entusiasta, morre, e assim se mostra a quebra “simbólica” da esperança de “unidade” do Brasil. Chegar até o centro era ir ao encontro do querer individual que se torna coletivo. Portanto, percebe-se que, na verdade, o ser humano precisa da coletividade. Tem-se aqui um momento “presente” em que o ideal utópico surge plenamente realizado num dado instante presente, situação que ilustra o que diz Reis (2004), quando, em relação à ideia de Agostinho Silva, afirma que:

a aporia do não tempo do tempo, o instante cronológico e eterno depositário do “ideal dos ideais”, o de “ tudo fazer presente, presente só” para assim regressarmos à nossa natureza fundamental de ser sem compreendermos, de existir tranquilamente sem sujeito nem objecto, de nos instalarmos sossegados no presente. (SILVA, 1989, p. 68 apud REIS 2004, p.29).

Em Michelet (1974), e em outros inúmeros teólogos do povo, dificilmente, imaginava-se num único homem um herói que marcasse o instante “presente” com a missão redentora. Há no romance uma identificação com o centro do país; da Amazônia, não apenas como metáfora de completa integração nacional, mas também como a descoberta de sentido de vida de cada personagem participante da viagem ao Xingu. Realça-se uma ligação entre as existências individuais e o destino do país. Percebe-se, então, a importância narrativa de um sonho romântico e utópico, cada personagem carrega consigo um desejo “presente” de libertação e a utopia de aspirar por um país melhor.

Nessa perspectiva de um Brasil melhor, mais uma vez, se faz apelo à teoria de Michelet tido como um dos precursores da igreja do devir. Ele “[...] pede que se reflita sobre: Deus e o Povo, suprimindo todos os intermediários entre a revelação divina e a humanidade.” (MICHELET, 1974 apud SALIBA 1991, p. 63).

Quarup se encontra no quadro nacional com a particularidade de anunciar aquilo que não existe ainda, mas que poderá acontecer, se a humanidade lutar para sua concretização. Essa é a dita utopia, aquela que Pe. Nando, o herói individual,

persiste em realizar, não desistindo de seu sonho com a coletividade. Os sonhos “diurnos” são promotores do possível, na satisfação de desejos e alterações de necessidades futuras e antecipam aquilo que “nunca havia sido experimentado como presente” (BLOCH 2005, p. V1, p.116). É isso que acontece com Pe. Fernando, a concretização do desejado e as mudanças vão se realizando aos poucos no presente e com a esperança do devir.

No capítulo “A Palavra”, o ex-Pe. Fernando é um novo homem, engajado totalmente na questão política; volta a Pernambuco e, juntamente com o Movimento Camponês e com Francisca, luta por novas metas. Francisca inicia as aulas de alfabetização dos camponeses, leva a terra do centro da Amazônia para Pernambuco, promessa feita a Levindo. Neste capítulo, mostram-se as mudanças que aconteceram no decorrer da caminhada da personagem Fernando, a sua reintegração na sociedade e perseguição para um novo projeto utópico. Aqui se confirma a concepção de More, descrita por Fátima Vieira (2004) de que:

a mensagem de More não é, pois, a de que a ordem imposta por lei é preferível à desordem coeva; o que encontramos na obra do humanista inglês é algo profundamente moderno e consequência precisamente do seu humanismo: a consciência, recém-adquirida pelo homem do Renascimento, de que o seu destino não é forjado por Deus, mas tecido pelos próprios homens. (VIERA, 2004, p. 34).

Fernando está sonhando novamente “o sonho diurno”, mas agora é outra realidade que se apresenta outra utopia na vida da personagem; de qualquer forma, a utopia religiosa permanece mesmo tendo ele deixado de ser padre, visto que o desejo de ajudar, de demonstrar amor ao próximo, e a comunidade não morreram em Nando. Esta atitude parece confirmar o que Fátima Vieira escreve em seu artigo “O Utopismo e a Crise da Contemporaneidade: Velhas Receitas para Novos Caminhos”:

Utopia mais não é do que a expressão plena do desejo da enunciação de alternativas (e não da alternativa) à sociedade vigente, constituindo-se simultaneamente por um lado como um apelo para uma intervenção social atenta por parte do leitor, desafiando-o a encontrar soluções criativas para os problemas coevos e, por outro lado, como um alerta para o perigo de planos totalizadores. (VIEIRA, 2004, p. 34-35).

Nando continua desejando e empreendendo novos movimentos para o bem da coletividade, manifestando o desejo “de criar alternativas” para ajudar na construção de um mundo melhor. Mesmo passando por vários conflitos, o herói não desiste. Porém, com o golpe Militar de 1964 ocorrem várias prisões e, uma delas, é a de Fernando. A violenta tortura a que o ex-Pe. e muitas outras personagens foram submetidas encerrou o ideal de revolução pacífica do protagonista. Os sentimentos utópicos de Nando, o único que ainda alimentava esperanças de um fim sem conflitos armados, foi se esvaindo à medida que presenciava atos bárbaros e era levado a praticá-los.

A irracionalidade desses atos aponta para a desconstrução da utopia das personagens e, mais uma vez, uma reação aparentemente anti-utópica vem reforçar o utopismo. Com a mudança do pensamento de muitos religiosos causada pelas modificações da Igreja, surgiram no Brasil novas ideias e os padres assumiram diferentes posições perante a sociedade. Muitos já se encontravam fortemente empenhados nas lutas comunistas, na esperança de um mundo mais justo para todos. Podemos corroborar mais uma vez com o que diz Vieira (2004) em relação à opinião de Popper (1993), que:

Na década de 40 do século XX, num contexto histórico pessimista e em nome da necessidade de uma perspectiva realista, é, pois no fundo o que já Thomas More havia equacionado no início do século XVI, mas numa perspectiva otimista. Utopia fecha com a enunciação da dicotomia desejo/esperança que se vai afirmar como eixo dinamizador da história do pensamento utópico moderno; mas o que me parece importante salientar é que, no final da obra, é a ideia de desejo que é valorizada. (VIEIRA, 2004, p. 35).

Observa-se que mesmo com as mudanças ocorridas na época, os religiosos ainda continuavam engajados na luta e mantinham a “dicotomia desejo/esperança” que se firma na concepção utópica moderna; porém a ideia “de desejo”, como diz Vieira, impõe-se. E esse desejo é percebido nos ideais desses religiosos.

Em “A Praia” já estamos no penúltimo capítulo. O herói, afetado pelo sistema, quebra as convenções e passa a ser um homem sensual, capaz de despertar os desejos mais secretos. Dono de seus próprios valores, ele dá vazão aos seus instintos, mesmo sentindo o peso dos preconceitos predominantes na sociedade da época. A proeza desse religioso está em dissolver o voto de castidade. O personagem, Pe. Fernando se afasta do sentimento de santidade à depravação, faz dessa obra algo surpreendente. *Quarup* é uma composição literária que apresenta um elo entre sonho (ficção) e realidade.

O romance retrata com riqueza a sociedade da época. O mais surpreendente é a tomada de consciência de Fernando no momento que deixa a quimera utópica indianista de lado e passa a lutar pelo povo sofrido nordestino. Aí, acontece um “deslocamento”, Fernando parte para a realização de outro ideal, agora mais consistente para o momento histórico.

Nesta mudança de concepção se dá a ruptura, o que o protagonista acreditava ser possível: um lugar maravilhoso passa a não existir mais. A utopia do paraíso na terra é dissipada. Com certeza, o próprio período, a ideologia dominante, as lutas em todos os campos, são influências gritantes neste momento na vida de Nando, principalmente no que tange ao sistema religioso. Surge uma nova visão, o grande engajamento na política por parte daqueles que têm o poder dessas instituições e que vem propiciar certo alento ao espírito do ex-sacerdote.

“O Mundo de Francisca” é o capítulo final, onde ocorre a transformação da identidade do protagonista. O ex-Pe. adota o nome de “Levindo”, a paixão por Francisca é superada, somente as cartas permanecem. O resto é passado, e então, um novo projeto utópico se instaura voltado para “tempo algum” passível de superar as mazelas do presente. Aponta-se no trecho abaixo a transformação, na

própria mudança de nome do ex-Pe. Agora passa a chamar-se “Levindo”, que significa levedo, o fermento, a efervescência moral.

Boa essa roupa, Manuel. Manuel Tropeiro falou com sua ironia sem malícia: - com seu perdão, seu Nando, a roupa preta não fez o senhor padre. Esse gibão de couro não vai fazer o senhor cangaceiro não. Nando riu: - Não se assuste Manuel. Eu agora viro qualquer coisa. (Manuel diz): - Eu vou perfilhar o nome de Adolfo para me esconder nele, seu Nando. Não tem um som de gente forte? Adolfo? – você é que é forte e que vai fazer a força do nome. De qualquer nome. – sempre ouvi meu pai falar num tal de Adolfo Meia-Noite, cangaceiro importante – disse Manuel. – E o seu nome qual vai ser? Já pensou? – Já – disse Nando. - Meu nome vai ser Levindo. E Nando viu o fio fagulhar entre as patas do cavalo como uma serpente de ouro em relva escura. (CALLADO, 1984, p. 601).

Percebe-se que o romance é construído fora dos padrões da moralidade. Isso porque não tem como preocupação questionar o que é certo ou errado, ou socialmente reconhecido como importante. O autor consegue tocar nessa chaga moral. O protagonista pode ser considerado como uma transformação alegórica da letargia de uma parte do Brasil diante dos desajustes da realidade e dos projetos utópicos por ele idealizados, uma mudança das promessas de superação do desconcerto concebido por esse País.

Há uma quebra de convenções sociais. Nando e seu companheiro Manuel trocam de nome e caminham rumo a uma nova utopia empreendida pela impavidez de Nando, um desejo manso que implica libertar-se de valores pré-estabelecidos: enfrentando o desafio de pensar novas metas para sua vida e para a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quarup ficcionalizou o debate da esquerda da época, quando as “diversas interpretações de Brasil que [as] personagens oferecem no contato com o protagonista vão evidenciar [a] percepção da situação do País [...]” (BENDER,

2010, p. 3). Percebeu-se que a utopia de um mundo melhor representada pelo religioso Fernando, que ligava o individual ao coletivo, foi alimentada por todas as personagens.

Nosso protagonista, imbuído de um sentimento utópico, pensou “o querer o mundo”. Foi acometido de todos os sentimentos e transformações. Fernando conseguiu a proeza de ultrapassar limites em prol de uma utopia individual e coletiva. O ex-Pe. transformou-se neste homem que se remodelou. Assim como diz Bloch: “O homem é alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho e através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente em frente, topando com limites que já não são mais limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa.” (2005, V.1, p. 243).

Nando é neste romance o herói, a interrogação que encerra o próprio *Quarup*. Ele percebeu a distância entre a fé religiosa e as necessidades imediatas do povo diante dos conflitos de um mundo conturbado que ainda busca os propósitos de sua própria identidade. Seu conflito existencial resume-se na incapacidade humana em vencer a injustiça da sociedade moderna. Portanto, o que há de “existencial” no protagonista (e no romance) impõe-se ao político.

A trajetória e as mudanças concluídas por Nando “refletem as transformações vividas pela nação” podendo ser lida “como o processo de amadurecimento por que passa a consciência nacional.” (BENDER, 2010, p. 5).

Fernando passa da ingenuidade em reconstruir o comunismo cristão para desembocar na adesão às lutas armadas. Percebe-se que:

Nando, o protagonista, terminou seu aprendizado de Brasil, recebido o batismo de revolucionário (a adoção de um codinome), parte para a luta armada, cujo desfecho o leitor não sabe na instância ficcional, porque a narrativa fica aberta às diversas possibilidades de conclusão. (DIAS, 2007, p. 143)

Tem-se aqui um desfecho ambíguo, *Quarup* apresentou um mosaico de perspectivas, mas o que se percebe é o sentimento utópico do devir. “Da sela de seu cavalo Nando abrangia a mata, o Agreste e sentia no rosto o sopro do vento”. (CALLADO, 1984, p. 599).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

BASTOS, A. *A história foi assim: o romance político brasileiro nos anos 70/80*. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

BLOCH, Ernst. *O Princípio da Esperança*. V1. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contraponto, 2005.

BENDER, Mires Batista. *Quarup: uma alegoria do Brasil*. In: *Tabuleiro de Letras* (UNEB), v. especial, dez, p. 1-19, 2010.

CALLADO, Antônio. *Quarup: romance*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DIAS, R. G. Estupefação e o esmaecimento do projeto utópico na ficção de 70: Quarup. In: *Revista de Letras*. São Luís de Montes Belos: Ícone, v. 1, p. 140-153. 2007

GULLAR, Ferreira. *Quarup* ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente. In: *Revista Civilização brasileira*. Rio de Janeiro, ano III, n. 15, p. 251-58, set. 1967.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural a Pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva, Guaraci L. Louro. 4ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JACOBY, Russell. *O fim da Utopia: Política e Cultura na Era da Apatia*. Rio de Janeiro: Recorde, 2001.

MARTINELLI, Marcos. *Antônio Callado: um sermonário à brasileira*. Rio de Janeiro: Annablume, 2007.

MICHELET, Jules. *Lê Peuple*. Paris: Paul Viallaneix Flammarion, 1974.

PELLEGRINO, Hélio. *Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Paulo R. Pires, 1998.

POPPER, K. *A Sociedade Aberta e os seus Inimigos*. Vol. I Lisboa: Fragmentos, 1993.

REIS, José Eduardo. *Do Espírito da Utopia: Lugares Eutópicos e Utópicos, Tempos Proféticos nas Literaturas Portuguesa e Inglesa*, Vila Real: Utad, 1997.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias Românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SILVA, Agostinho. *Considerações e Outros Textos*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

TORGA, Miguel. *Diário (IX-XVI)*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.

VIERA, Fátima, CASTILHO, Maria Teresa (Org.). *Estilhaços de Sonhos: Espaços de Utopia* 1ª Ed. Porto: Copyright Quase Edições, 2004.

_____. *Estilhaços de Sonhos: Espaços de Utopia*. REIS, José Eduardo. In: *O Gênero da Utopia e o Modo do Utopismo*. Porto: Copyright Quase Edições, 2004.

ZARUR, Jorge C. L. *Parentesco, Ritual e Economia no Alto-Xingu*. Brasília: Funai, 1975.

Recebido em: 27/04/2016.

Aceito em 26/06/2016.